

VERDAMARELISMO

Cassiano Ricardo

(Signatário do Manifesto verde-amarelo de 1924: co-fundador da Bandeira, em 1936; membro da Academia Paulista e da Academia Brasileira de Letras).

Todos sabem o que foi o movimento de renovação intelectual iniciado em São Paulo em 1922.

Por essa ocasião, sedento de modernidade, vinha da Europa Graça Aranha. No Rio, onde estava o grande autor da *Canaã*, romperam algumas escaramuças literárias, tomando Ronald de Carvalho o partido do mestre. Tal fato levou os paulistas a estabelecer ligação com o acadêmico rebelde. E concertou-se, em comum, o plano de realização da “Semana da Arte Moderna”, encabeçada pelos nomes luminosos de Guilherme de Almeida, Menotti Del Picchia, Graça Aranha, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Oswald de Andrade, Paulo Prado, Plínio Salgado, Cândido Motta Filho, René Thiollier, Rodrigues de Abreu, Antônio de Alcântara Machado, Álvaro Moreyra, Ribeiro Couto, Renato Almeida, Agenor Barbosa, Affonso Schmidt e outros. Somente São Paulo poderia ser a matriz originária desse movimento e o palco para sua realização. Não se trata de uma disputa de prioridade por amor-próprio, nem de uma determinação de data. Fatores vários terão influído em tudo isso. Interveio aí a geografia (o maior isolamento de São Paulo quanto à infecção cultural européia e a sua reação nativista em face das correntes imigratórias); interveio a “bandeira” (aquela desobediência histórica como condição de autonomia); interveio o “clima humano” criado terra a dentro e não no litoral (o homem avesso à literatura e, portanto, mais inclinado a reduzir a literatura a um mínimo literário para que a vegetação das palavras não escondesse, sob a sua folhagem ilustre, a água pura de nossa originalidade); interveio o individualismo tradicional do paulista, apto a proclamar que cada um passasse a realizar-se a seu modo (personalidade criadora). O fator “tempo próprio” entrou com o seu contingente. O modelo de arte e o processo literário se tinham exaurido, numa espécie de estandartização. Um escritor repetia automaticamente o outro, numa obrigação permuta de tema e de forma. São Paulo, mais dinâmico e mais

violento, tinha que ser necessariamente mais anti-clássico e refletir mais de perto o sentido americano da vida.

PASSADISMO E FUTURISMO

Com a discussão errada, que se estabeleceu, entre “passadismo” e “futurismo”, formaram-se dois partidos. Duas mentalidades opostas entraram em luta, mimoseando-se reciprocamente com os mais “bonitos” insultos.

Mas pra quê passedismo? Pra quê futurismo?

Ora, o Barbosa Rodrigues do *Poranduba amazonense* contava a história do carão, que vivia choramingando por não mudar de penas. Nenhuma imagem mais interessante para representar os que não mudam de idéias, os incapazes de renovação. Entretanto, faltava ainda o símbolo da vida que se inaugura todos os dias. Esse símbolo nós o possuímos também na mitologia indígena. Era o currupira. Novo como o último minuto e eterno como a vida do pensamento. Bastaria só colocar um contra o outro e teríamos, direitinho, o símbolo brasileiro para substituir a palavra copiada do “passadismo” e a outra, a palavra não menos copiada do “futurismo”. Em vez de passedismo, carão; em vez de futurismo, currupira.

O CARÃO E O CURRUPIRA

Semana de Arte Moderna. Teatro Municipal de São Paulo. O currupira, no palco. O carão, nas frisas e camarotes.

Durante uma semana toda, o carão assobiou demoniacamente. Desencadeou tempestades de uivos e guinchos, em frente à gambiarra onde Currupira ria, sarcástico, desafiando a assuada. E quando o carão imaginou ter assassinado publicamente o currupira, este, azougado, imortal, reaparece vitorioso, operando “o milagre de criar para o Brasil, uma consciência nova”.

“ISMOS” LITERÁRIOS

De nada contudo, serviria combater o parnasianismo para erigir, em seu lugar, qualquer outro “ismo” moderno, vindo a bordo do último transatlântico.

Substituir parnasianismo por futurismo, simbolismo por expressionismo, tradicionalismo por cubismo era apenas trocar o figurino mais velho pelo mais novo.

A denúncia partiu de Alceu Amoroso Lima quando demonstrou, por a mais b, que os novidadeiros do primitivismo nada mais faziam, em seus manifestos, do que repetir André Breton.

VERDAMARELISMO

Foi então que o nosso grupo se opôs a cubismo, futurismo, dadaísmo, expressionismo, surrealismo e inventou o “verdamarelismo”. Como a própria denominação o diz, tomava a campanha o seu verdadeiro caminho. Adquiria um sentido brasileiro (reunindo primitivismo ao moderno) e um sentido social e político (troca de uma mentalidade contemplativa, lunática, choramingtona e anárquica, por uma mentalidade sadia, vigorosa, destinada à solução brasileira dos problemas brasileiros). E dizíamos, contra as corujas trágicas do pessimismo e contra os papagaios dos “ismos” importados: pois uma pátria como esta poderia ter nascido das mãos de um povo humilhado e abatido? E aqui cabe uma referência a João Ribeiro, que aplaudiu o caminho encontrado em palavras memoráveis. “Estamos fartos de coisas velhas”, dizia ele, propondo a criação de um órgão, “uma folha literária pequenina e breve, capaz de interpretar o pensamento novo da nossa escassa intelectualidade. São Paulo poderia dar o exemplo porque está na ordem do dia das ambições literárias. O Rio (são palavras ainda suas) esgotado pelas ventosas da política, seria incapaz de qualquer atitude de idealismo”.

O ÚLTIMO DIÁLOGO

Carão — Quem é você, Currupira?

Currupira — Sou sua nova encarnação: a máquina de estrada de ferro, depois do carro de boi. O telefone depois do estafeta. O T.S.F. e a radiotelefonia a tornarem mediunido o telégrafo. Sou o espírito complexo e renovador do Instante. Chamo-me Presente em trânsito para o Futuro. E você, carão?

Carão — Sou o que você será amanhã. Mire-se nesta rabugice... Triste, não? É condição de vida. Somos duas caras da mesma personagem... Eu: a da canseira do teu passo, a sombra da tua vitória, o Passado. Um morto... Upain uirá etá u ricó purunga acayu iauiaué u cucui e pepó etá.

PAU BRASIL E VERDAMARELISMO

Não é o “verdamarelismo” apenas um grito de chamar a atenção para o Brasil e para o homem brasileiro. Vem ele pôr a arte a serviço de um pensamento, dando-lhe uma função social. E institui o combate, através de um violento trabalho de revisão e de crítica, aos “ismos” importados e às teorias engendradas pelo pessimismo de óculos pretos que teimava em diminuir o homem, exaltando apenas a paisagem. Não, homem e paisagem caminhavam juntos. Os problemas brasileiros só podiam ser resolvidos brasileiroamente. O conflito entre as duas mentalidades, a do litoral e a do “hinterland”, tinha que ser resolvido em favor desta. O “pau brasil” da teoria *oswaldiana* não estava certo. O “pau brasil” era um pau xereta, primitivo, internacionalista, por ter trazido muito francês que vinha traficá-lo de acordo com os tamoios... Nem Rui nem Jeca, sustentava ainda o verdamarelismo. Rui por ser excessivo e desandar pela ignorância dos sabichões que sabiam demais. Jeca por faltar-lhe um mínimo de instrução e, portanto, não saber sequer o necessário. Além desse desencontro havia outro, que o “verdamarelismo” combatia: era a academia antes do folclore, Rui antes do alfabeto, latim antes do brasileiro, falar bonito antes de saber falar. Sob o ponto de vista artístico, o “verdamarelismo” desancava, como os outros grupos, os surradíssimos “modelos ilustres”.

PENSAR BRASILEIRAMENTE

Ao lado dos motivos brasileiros, a mudança dos processos. Uma revolução que não ficasse na nacionalização superficial dos “motivos” mas que acabasse com os métodos e códigos de arte até então em voga. E como o seu fim principal era a substituição de uma mentalidade errada, superposta, alienígena, falsa, literária, por uma mentalidade apropriada à realização do nosso destino, queríamos que o brasileiro “pensasse” brasileiroamente. Não lhe bastava ser brasileiro da boca para fora ou porque pusesse um cartaz na testa dizendo “eu nasci no Brasil”. Era preciso sentir-se brasileiro, mututar, pensamentear e agir como brasileiro. Pelo espírito é que as pátrias morrem. Uma pátria, mesmo mutilada no seu território, continuaria viva se “espiritualmente” não morresse.

Mas a quem, afinal, caberia estudar o Brasil como ele é e defendê-lo na sua originalidade?

A uma classe até então separada do Estado: a dos escritores, quaisquer que fossem, pensadores ou artistas aos quais foi dado o dom de penetrar mais intimamente na alma de seu povo e no recesso dos destinos humanos, descobrem as verdades milagres da harmonia e da solidarie-

dade entre os homens, descobrem as verdades ainda vivas da terra, antecipam as reflexões da ciência, despertam o espírito do povo para a mística da nacionalidade preparam o terreno para a germinação das idéias. Mas pouco importava também que houvesse grandes escritores ou pensadores, poetas e artistas, se não fossem brasileiros pelo espírito e pelo sentimento. Se não soubessem “produzir bondade”, como queria o filósofo atormentado diante do quadro que, na moldura da civilização moderna, os povos em desespero nos oferecem. Podem as ideologias separar os homens, pode a política desunir as criaturas que se queriam bem, pode a ciência estancar as fontes vivas da emoção ou da solidariedade: a arte os unirá sempre porque só ela é que nos dá o sentido superior e generoso da vida.

A COLEÇÃO “VERDAMARELA”

Seria longo resumir todas as questões debatidas pelo grupo verdamarelo. Uma coisa, entretanto, convém lembrar: a primeira coleção cultural aparecida no Brasil foi obra sua. Os livros publicados nessa coleção foram:

- a) *O currupira e o carão*, de Plínio Salgado, Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo;
- b) *Raça de Gigantes*, de Alfredo Ellis;
- c) *Introdução ao Pensamento Brasileiro*, de Candido Motta Filho;
- d) *Sorumba*, de Manoel Mendes;
- e) *Chuva de Pedra*, de Menotti Del Picchia;
- f) *O estrangeiro*, de Plínio Salgado;
- g) *O Príncipe de Nassau*, de Paulo Setúbal (em cujo prefácio o criador do romance histórico brasileiro se declara “verdamarelo”); e
- h) *Martim Cererê*, do infra-assinado.

LITERATURA E POLÍTICA

Como previam, com raro espírito de adivinhação, animadores do movimento inicial, a Semana da Arte Moderna superfetava numa revolução espiritual de ordem política.

Aliás, tudo quanto é revolução política nasce de programa literários. O fascismo, como se sabe, nada mais é do que o reflexo do movimento de idéias levado a efeito pelos escritores da modernidade italiana. Mussolini assinou o manifesto futurista de 1909, ao lado de Martinetti e de outros revolucionários. Coisa idêntica, embora com outra finalidade, teria que ocorrer em outros países, bem como entre nós. A reforma literária iniciada pela Semana da Arte Moderna traduzia e prenunciava, em

1922, qualquer coisa de mais sério e de mais profundo na vida mental do país.

Seria um observador superficial quem visse nessa agitação (são palavras de um brilhante escritor moderno) um simples fenômeno literário. “Impossível que esse estado de espírito não refletisse as convulsões e as flutuações por que passam as gerações atuais e não tivessem ligação com o sentimento de necessidade de uma renovação social, cujo ideal é latente na consciência do homem moderno.

DE 1922 A 1930

Todos os movimentos políticos e literários de hoje em dia, no Brasil, só podem ser explicados à luz da Semana da Arte Moderna, e dos grupos intelectuais em que ela se dividiu, logo depois.

Ora, no atual instante todos os “novos” são vivamente brasileiros, quer nas obras de pensamento e de cultura, quer no romance ou na poesia. Enveredaram por um caminho exato. O panorama das atividades intelectuais do país adquiriu aspectos surpreendentes como verdade brasileira e, portanto, como verdade humana. Estão em voga condições de vida, as pesquisas sociais e históricas que revelam o Brasil no “porquê” de sua alma. A literatura brasileira deixou de ser puramente literária para traduzir as inquietações da hora atual e a reação desta hora no espírito e na sensibilidade do nosso povo. A lista de Euclides da Cunha, Alberto Torres, Calógeras, Tavares Bastos, Roquete Pinto, está agora enriquecida de nomes como os de Pedro Calmon, Gilberto Freyre, Cândido Motta Filho, Sergio Milliet, Carlos Chiacchio, Plínio Salgado, Manuel Bandeira, Sérgio Buarque de Hollanda, Almir de Andrade, Luis Vianna Filho, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Mário de Andrade, Osmar Pimentel, Augusto Meyer, Carlos Dante de Moraes e mais alguns outros que tão bem exprimem o Brasil à procura de si mesmo.

Mas não basta descobrir o Brasil, que será descoberto todos os dias. É preciso defendê-lo na sua pureza, na sua índole: em suma, na sua originalidade.

Em 1922, a luta contra os “ismos” literários de arribação.

Em 1939, a luta contra os “ismos” políticos, também exóticos.

EPÍLOGO

Do grupo *verdamarelo* nascem o “Integralismo” e a “Bandeira”.

(in *Revista Anual do Salão de Maio*, 1939)